

AS MINAS DOS CARRIS NA SERRA DO GERÊS (1941 - 1992)

9 - As artes comerciais por ocasião do conflito mundial

Sabemos que as finanças públicas não estiveram tão equilibradas, e até com *superavit*, como no tempo do volfrâmio. A política económica do Governo soube jogar muito bem com a procura de volfrâmio pela Alemanha. Diz-se que o jogo duplo do Governo foi até aos limites do tolerável, até aos limites da paciência dos Aliados e aos limites dos acordos firmados com a velha aliada (Inglaterra) e com os intervenientes no Acordo dos Açores. E não se pense que o legal e o estabelecido em acordos foram estritamente cumpridos pois a economia de guerra tem esquemas de contrabando e de mercado negro muito bem montados. Conforme já está dito atrás, Portugal recebeu carvão, material de guerra e ouro da

Alemanha em troca de volfrâmio em condições ainda pouco esclarecidas.

Deste modo e ao mais alto nível, o contrabando e o mercado negro foram generalizados não só para se beneficiar um ou outro lado dos beligerantes como também para se elevar os preços do minério. Segundo o volframista José A. Rodrigues de Vilar de Perdizes, o quilograma de volfrâmio chegou a atingir trezentos escudos em Vilar de Perdizes. Perante tamanho desafio e preços tão elevados, o policiamento no terreno era inoperante apesar de frequente e com ordens muito bem estabelecidas. Por exemplo, nas palavras do volframista António G. Silva de Covide, havia guardas para revistar o pessoal à saída da mina e à saída da área de explo-

ração. Se não fosse possível a discreta passagem de algumas pedras de volfrâmio, denominadas "chinas", na área da mina e na laboração normal, recorria-se à exploração noturna ilegal, à garimpagem das sanjas e escórias e à pilhagem. Também se esturricavam areias do rio em óleo ou azeite a ferver para se parecerem com "chinas".

O dinheiro do minério, sobretudo o do contrabando, era um dinheiro fácil que alimentava as fantasias e o imaginário dos envolvidos. As excentricidades e as loucuras em áreas de vida agrícola e pastoril de subsistência foram frequentes e atingiram níveis difíceis de perceber. Segundo o volframista de Vilar de Perdizes José A. Rodrigues, gastava-se muito mal o dinheiro no jogo à bisca dos nove e

sete e meio; o uso de pistola era frequente nos homens a partir dos 18 anos; fazia-se pontaria de pistola em notas de mil escudos; as histórias com tiros eram vulgares. Segundo os volframistas de Covide Manuel J. Correia e António G. Silva, faziam-se cigarros com notas de 500\$00; o jogo passou a ser a perdição de muitos volframistas; o dinheiro passou a dominar a vida rural; a desorientação de vida ocorreu a muitos. Enfim, para muitos o dinheiro fácil tão depressa aparecia como desaparecia sem ter um papel transformador nas suas vidas. Era a pura ilusão proporcionada pelo volfrâmio que parecia prometer o abandono do árduo trabalho agro-pastoril.

Por outro lado, não sem uma ponta de excentricidade, surgiram alguns sinais de

melhoria da vida rural. Segundo José A. Rodrigues, chegaram a matar-se três vitelas por dia em Vilar de Perdizes. Em Covide floresceu o comércio de um senhor chamado António Lopes, conhecido por "Cabril" por ser natural da freguesia de Cabril-Montalegre, que começou por montar um pequena mercearia num barraco em madeira no centro de Covide, seguindo-se um edifício onde instalou talho, padaria e uma pequena pensão. O Cabril, para além de negociar mercearia também negociou volfrâmio. Movimentou uma pequena fortuna. Consta em Covide que o trânsito do volfrâmio de contrabando do Cabril se fazia em pipos de vinho. Amante do jogo, o Cabril acabou por deixar tudo o que tinha ganho no Casino da Póvoa de Varzim.

Em face das dívidas de jogo, a mulher (Eulália Freitas) exigiu ficar com a casa, o que veio a acontecer.

Em face destes dados históricos poderemos tirar algumas ilações para os dias de hoje? Isto é, tal como aconteceu no tempo do volfrâmio, não estaremos hoje sob o efeito final das fantasias e dinheiro fácil dos subsídios europeus? O dinheiro "deve" ter uma função social responsável ou estar ao serviço de caprichos e fantasias de cada um num jogo infundável de mentiras e malabarismos? A história, pequena ou grande, nunca se repete, mas por vezes encontramos semelhanças que até parecem decalques.

(Continua)

Amaro Carvalho da Silva



Jantar de Natal

A **ataca** organiza anualmente vários eventos que visam a angariação de fundos para que a partir de Portugal possa bem gerir todo o apoio que é dado às mais de 300 crianças e respetivas famílias que apoia em Moçambique.

Como vem sendo hábito, estamos neste momento a preparar o nosso **Jantar de Natal**, que é o evento por nós organizado onde são angariados a maior parte dos fundos que custeiam a logística da **ataca**. Assim, com a colaboração de todos os nossos voluntários tutores, sócios e amigos, a organização consegue continuar o seu trabalho.

Neste sentido estão convidados para o nosso **Jantar de Natal**, a ter lugar na Fundação Cupertino de Miranda, no Porto, no próximo dia **1 de Dezembro de 2012**, no qual iremos ter um leilão de obras de arte oferecidas por alguns artistas de renome que apoiam a **ataca**. Dado se tratar de um ato de solidariedade, o custo do mesmo será de 30,00 **atacas**, que reverterão em favor de projetos que apoiam crianças moçambicanas desfavorecidas. Faça a sua inscrição para: ataca@ataca.org

Teremos ainda o orgulho e o prazer de contar com a presença da nossa voluntária **Isabel Fernandes**, recentemente galardoada com o prémio de **Melhor Voluntário Europeu de 2012**, pela Active Citizens of Europe Awards, à qual manifestamos mais uma vez o nosso agradecimento pela entrega e dedicação à nossa causa a luta contra a pobreza extrema.

Junte-se a nós no Dia 1 de Dezembro.
Um Abraço Solidário

AF

Cerca de 1200 freguesias agregadas

O gabinete da Unidade Técnica para a Reforma Administrativa já concluiu os mapas para todo o território continental das agregações de freguesias, enviando-os para a Assembleia da República a quem competirá a última palavra.

De acordo com os dados fornecidos por essa Unidade Técnica, deverão ser agregadas 1165 freguesias, envolvendo mexidas em 230 municípios, embora apenas 57 deles tenham apresentado projectos de agregação de freguesias em conformidade com a lei, ainda que a maioria dos concelhos (153) não se tivesse pronunciado.

Com estas medidas, só no distrito de Braga haverá menos 154 freguesias das 515 actuais. No Município de Amares, a ir avante o mapa da Unidade Técnica, irão ser criadas as Uniãos de Freguesias de Vilela, Seramil e Paredes Secas; de Caldelas, Paranhos e Sequeiros; e a da Torre e Portela. Ao todo, passarão a existir menos 8 freguesias. Em Terras de Bouro, são criadas as Uniãos de Freguesia de Cibões/Brufe; de Vilar/Chamoim; e de Chorense/Monte, sendo reduzidas 3 freguesias. Com a criação das Uniãos de Freguesia de Anissó/ Soutelo; Anjos/Vilarchão; Cova/Ventosa; Caniçada/ Soengas; e Ruivães/ Campos, o Município de Vieira do Minho passará a dispor de menos 5 freguesias.



Registo

Ainda que sensivelmente a um ano de distância, o pontapé de saída para as eleições autárquicas de 2013 já há muito que foi dado na grande maioria dos nossos concelhos, com as forças partidárias a movimentarem-se na preparação das listas das candidaturas aos diferentes órgãos autárquicos.

Fenómeno cíclico que, habitualmente, costuma ser vivido de perto pelas populações em geral, as anunciadas agregações de freguesias, no âmbito da reforma administrativa, poderão questionar, se forem avante, até que ponto esse interesse popular se irá registar uma vez mais. É que, sobretudo nos meios rurais mais populosos, o bairrismo é, ainda, muito forte e arreigado aos respectivos torrões natais, nada favoráveis, por isso, a mudanças, sejam elas de que tipo forem.

Embora com orçamentos cada vez mais reduzidos, dificultando, assim, a sua actividade, às autarquias, por certo, não irão faltar candidatos a abarrotar de projectos ambiciosos e de promessas mirabolantes, "só para eleitor ver", já que, na maioria dos casos, os depauperados orçamentos mal darão para "mandar tocar um cego".

Entretanto, nos bastidores partidários já se movimentam os habituais interessados num "lugarzinho" ao sol, se possível sentados e com uma remuneração convincente. Ou seja: um "tacho" à maneira

Nelson Veloso